

MEIRELLES, Telles de. Como nasceu um grande livro. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 27 out. 1940.

Um sentimento inesperado de profunda ternura foi que fez nascer essa obra genial de Edmundo De Amicis: *Coração* e que tão conhecida se tornou no mundo inteiro, sendo traduzida em quasi todas as linguas. No Brasil, encarregou-se de sua traducção João Ribeiro, que excellentemente se saiu do trabalho como era de esperar de tão preclaro mestre.

Segundo contou o jornalista italiano Gino Bertolini que foi intimo amigo de Amicis e que deile proprio ouviu a descripção de todos os pormenores que se relacionam com essa brilhantissima passagem da sua vida literaria. Amicis lhe referira — que já havia tempos estava familiarizado — com a admiravel crisol da vida, qual



AMICIS

é a escola elemental. “O seu filhinho frequentava o instituto Monrenisio que se denominou depois Rosmini”. Acompanhava-o frequentemente á escola, descorria com as creanças, as quaes sempre quiz muito bem, mas ainda não lhe tinha occorrido a idéa de fazer um livro. A inspiração surge porém como o relampago. Um dia — era 1º de Janeiro de 1886, esperava elle o seu pequerrucho, viu-o atravessar o vestibulo com um condiscipulo de vestes pobres, filho de um ferreiro, pallido que parecia doente e com ar espantado. E accrescenta então Amicis: “O meu Hugo fez uma caricia ao outro que era mais pequeno do que elle, passou-lhe meigamente a mão por baixo de quelxo e o outro sorriu com ternura...”

Foi o relampago; passou ante mim a imagem de um sonho, a imagem da fraternidade humana pregada pela voz da infancia. A idéa do livro tornou-se-me de subito uma vontade necessaria do meu espirito, uma necessidade tenaz de todo o meu ser. E entreguei-me logo ao trabalho, em que me embebi perdidamente.

Nunca na minha vida me senti tão feliz como quando escrevi o *Coração*; a certeza de fazer o bem inebriava-me. Mais de uma vez achei-me com os olhos marejados de lagrimas, escrevi como se fixasse palavras que estivesse escutando.

Em dois mezes estava prompto o livro, gastei outros dois mezes a copiar-o para a typographia. Foi assim que... vieram ao mundo Garrone, o Corcundinha, Correti, Votini, o Pedrinho, Nobis, Derossi...”

No seu studio, diz Gino Bertolini, as estantes estavam cheias de volumes, as prateleiras regorgitavam de photographias e todavia era facil encontrar aqui e ali esbocetos dos pequenos do *Coração*.

Encostados uns aos outros, viam-se numa estante os volumes das traducções; em francez (3 versões) em inglez (3 versões) em portuguez (3 versões) em polaco (2 versões) em allemão, hespanhol, russo, hungaro, bohemio, rumeno, hollandez, dinarmarquez, sueco, grego, armenio, arabe, japonéz...

Hoje, com certeza, são sem conta as traducções. A edição niponica — em papel de seda com frontespicio a côres illustrada, — constava de dois tomos; tinha, segundo os usos typographicos dos

filhos do Sol Nascente, o titulo no fim do volume, e o titulo reservava: *Do diario de um estudante*. Este curioso exemplar foralhe mandado com um pensamento gentil por uma senhora que o encontrara em Tokio, numa escola publica.

Quando por iniciativa de Emillo Treves se festejou a 300ª edição italiana do *Coração*, foram inquiridos os editores estrangeiros a respeito da diffusão do livro para além dos mares; apuraram-se cifras fabulosas; só a casa Déla-grave, de Paris, tinha vendido sessenta e seis mil exemplares!

As crianças, a quem consagrou o *Coração* foram as confidentes perpetuas de Amicis.

“Quantas vezes, narrou elle, encontro pela rua paes que me apresentam os filhinhos operarios, pobres que desejam falar-me, corro para elles, e logo querem beijar-me a mão, a todo o custo...”

Uma vez, em Capo d'Istria, onde eu tinha chegado havia pouco, passeava de noite pela praça, e não sei como, reconheceram-me e as crianças que por ali andavam entre a multidão puzeram-se a dizer alto os nomes dos protagonistas do *Coração*: *Garrone, Correti, Nobis!* E' incalculavel a correspondencia que tenho recebido das crianças; é um verdadeiro estridor de festa que prorompe todas as manhãs, o effluvio dessas almas no desabrochar da vida, produz em mim uma satisfação que nem o habito pode atenuar. Sinto que o corpo envelhece, porém, o contacto daquellas almas virgens dá a meu espirito uma juventude eterna...”

Não achando, portanto, despido de interesse o que acima transcrevo do que informou em tempo o jornalista Gino Bertolini, sobre o que lhe revela Amicis, creio que proporciono a quem sabe prezar as letras um agradável instante literario.

A não ser o *Quo Vadis* de Sienkiencicz, livro nenhum alcançou tão grande popularidade como o *Coração* de Amicis que muito maior foi do que daquelle.

Ainda hoje, annos passados, já do seu apparecimento, as edições se succedem constantemente.

E a juventude eterna, que disse o seu autor sentira com o contacto que o corpo das almas virgens dera ao seu espirito, sentimos nós com a sua leitura.

Dos livros brasileiros o que maior numero conta de edições é o de Taunay, *Innocencia*, traduzido tambem em diversas linguas.

Outros de incontestavel valor como *Os Sertões* de Euclides da Cunha e *Minha Filha* de Affonso Celso bem poucas edições tiveram. O proprio *Urupés* de Monteiro Lobato com o celebre Jéca, que teve estrondosa reclame de Ruy Barbosa não conseguiu, parece, passar, do quinto milheiro.

Actualmente... *E o vento levou*, muitissimo falado, que penso ser mais visto no Cinema do que lido no livro, não tem senão, aqui na Capital, uma edição, a dos Pongetti.